

REDACTORES:

Cecílio J. Carneiro

João Marques de Castro



Director — GIL SPILBORGH



ANO I

Periodico litterario,
humoristico : noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 31 de Maio de 1933

Redacção:
Avenida Dr. Arnaldo

N.º 3

23 DE MAIO

Guaratinguetá

São Paulo vestiu-se de sol. Estava luminoso e contente. Parece que adivinhava todos os factos que iam desenrolar-se naquella tarde que incendiou de civismo — alma paulista. Todos se lembram daquelle dia 23 de Maio de 1932, em que São Paulo inteiro vibrou e vibrando chorou.

São Paulo escrevia naquelle dia, mais uma pagina épica da sua historia. A alma bandeirante depois de annos, accordou. E pôz em todos os espiritos bravura e a temeridade da sua fortaleza. Naquelle 23 de Maio, de tantas alegrias, houve tambem tristezas. Não é sem sacrificios que se alcançam ideaes. Não é sem sangue que um povo se liberta.

Quatro paulistas naquelle dia, escreveram com o seu sangue moço e forte a historia simples de quererem liberdade. Morreram e por isso foram felizes. Não presenciaram os demais factos, levaram comsigo o sonho lindo da sua esperança.

Podemos chamal-os de nossos irmãos.

Nossos irmãos, porque foram embalados pela mesma cantiga do rio Tieté, porque tiveram como mesmo berço as encostas verdes dos campos de Piratininga, porque viram o mesmo céu e as mesmas estrellas debruçadas sobre elles, quando abriram os olhos para a vida e para o deslumbramento dos seus sentidos.

Miragaia, Martins, Drausio — Camargo, são um symbolo.

Por isso hão de viver para sempre dentro da memoria de todos aquelles que os conheceram e que souberam amal-os, como parentes e como heróes obscuros e reaes de uma historia que viverá como lenda, na bocca das ayozinhas, quando nas noites de chuva ou de frio, tendo em volta da sua cadeira as cabecinhas altivas e os olhos vivos dos seus netinhos, contarem para satisfação da sua curiosidade, as historias lindas que se desenrolaram na terra das bandeiras.

Foi por todos os motivos, uma das melhores viagens que a Faculdade de Medicina tem feito em suas caravanas para o interior.

Recebidos cordealmente pelo prefeito da cidade, fomos para o hotel.

ventou de bater uma chapa sob as luzes electricas. O pessoal riu e perguntou-lhe onde estava o magnésio. O Camasmie não se enfiou e disse: Peça apenas 5 segundos de attenção. Disse isso como um perfeito profissional da



Um bonde tomado de assalto?
Não. Só loucura para sahir em retrato.

Logo após o almoço visitamos a Escola Normal, que nos deixou uma boa impressão pelo seu bem roganizado methodo de ensino. Alli fomos recebidos pelo seu director que nos levou ás salas de aula e nos explicou o methodo de ensino applicado por aquelle estabelecimento, que pela simplicidade e clareza, muito nos convenceu.

A' noite, no theatro, os alumnos da Escola brilharam. As palmas foram innumeradas e até flores cahiram no palco.

No dia seguinte, o prefeito pôz á disposição do pessoal um bonde, para ir a Aparecida. O pessoal foi. No caminho o Camasmie deixou cahir a machina photographica. Parou o bonde. Então para ver si não havia quebrado a machina elle titrou essa photographia que estampamos. Não é, pois como a primeira vista parece um assalto a mão desarmada. E' apenas a vontade de sahir no retrato que fez com que o pessoal empoleirasse de tal forma no bonde.

A' tarde de sabbado, fomos visitar o club de regatas. Vai então, o nosso director de natação, sobe num sandolim e quasi naufragou. O cliché mostra quando o Tito sahia das aguas do Parahyba, satisfeito com o banho e tambem por não ter morrido, o que seria um lastima. Pois não teriamos essa linda photographia que estampamos.

Ao jantar, no fim, o Camasmie in-

arte. O pessoal contra gosto, fez um intervallo na mastigação. E o retrato sahiu mesmo. Ahí está a lauta mesa e a volta o pessoal boiando.



A boia. Olhem como o pessoal está triste. Foi preciso uma pausa...
Guará, jantar.

O Camasmie é um bicho.

Domingo foram os jogos. Tennis, futebol e bola ao cesto. Futebol empatou, perdemos na bola ao cesto e ganhamos no tennis.

Houve ainda dois bailes batutas. Um sabbado, outro domingo.

Finalmente, o pessoal muito se divertiu e voltou satisfeito.

O TROTE

A Escola este anno brilhou no seu trote. Em tudo poz uma nota do seu bom humor e da jovialidade dos seus estudantes.

Ao meu ver, foi o melhor trote que

netrada, tomou de assalto a cidade. E foram vivas ensurdecedores e foram palmas que resoaram sonoras entre as paredes dos predios do triangulo.

Tomado o reducto, o nosso general



Thaetral e magestosamente os fascistas fazem seu gesto, solidarios ao trote

até hoje se deu na Escola. Tudo bem organizado. Apareceram as criticas. Para isso basta ver os clichés.

A entrada na cidade foi o desempenho formidavel do plano do nosso general que commandou as suas forças calouras, á frente, como faziam os antigos Napoleões, espada em riste, e numa attitude devéras dramatica e compe-

desilhou garbosamente á frente das suas tropas. (Nosso cliché mostra quando o general, orgulhoso e certo da victoria sahia demanda do centro, do seu quartel general).

Entre os batalhões notavam-se o dos fascistas, os manequins da futura moda e outros.

DESPEDIDA ANAES

EDUARDO MAFFEI.

Diz Renam, em uma de suas obras sobre as "Origens do christianismo" que a melhor recordação que podemos ter de nossos amigos é visitar os lugares que com elles temos convívio.

Ainda por estes dias sahiu de nossa escola mais uma turma de novos escolapios. Delles só nos ficará a recordação. Sempre que volvermos a escola, daqui ha annos, lembrar-nos-emos delles.

Haverá sempre "em cada canto uma saudade".

Lá se vão elles... Começa-se a estudar em criança. Quando a mim, nos meus sete annos de infancia, me disse uma professora que um povo antigo havia inventado uns sinais alfabéticos eu perguntava.

"Porque teriam os fenícios inventado uma talice?"

E dia após dia a escola.

E ha quanto tempo se estuda! ha quanto tempo se faz exame! Ah! muito custa civilização construída em detrimento da nossa liberdade de instintos, sobrecarregada com esse fardo implacavel: — o livro.

Carregamo-lo desde a infancia, continuamos a carrega-lo na adolescencia, e quando enfim chegamos ao fim da jornada academica, é preciso ainda lér para ser mestre depois de ter sido discipulo, para não ficar a traz.

A ciencia é uma torrente, quem pára, recua. E... Vae Victis.

Em todo caso ha momentos de descanço e desafogo. Quando o preparatorio termina o seu curso, respira, exulta, rejubila um instante, atira os compendios pelas janelas e atravessa a multidão com o sorriso dos triumphadores. Mas dentro em pouco arruma as malas e lá se vae, novamente, rumo á escola, onde o "trote" o humilhará na sua condição de calouro.

E a lúta recomeça mais aspera, mais rude, longe da terra natal no meio de gente estranha enfrentando lentes de caras "turanescas" que ministram com a indiferença do habito os conhecimentos de que vão pedir contas exatas no fim do ano.

Mas aí vem as férias como uma primavera compassiva, convidar esse exame de almas atribuladas ás excursões aos patrios lares.

E durante anos e anos é sempre a mesma coisa, as mesmas aulas nos mesmos bancos polidos por gerações de estudantes, sempre "Brasil de amanhã", e afinal a época do exame.

Bomba! Foi reprovado! em dez minutos uns senhores catedraticos souberam que nós não sabiamos nada.

E entre uma aula e outra, entre uma lição de patologia e uma "chateação" de microbiologia, entre um sapo e uma aula de secreção interna, pagodeiras, picarescas anécdotas do catedratico, etc., etc. (Que cada um acabe a frase como lhe aprouver).

As vezes uma mulher, um sorriso e um "fôra", e todas recordações parecem ficar imoveis a beira da estrada, esfumadas e baças.

O TROTE



O vencedor dos manequins. Linda não é?

Depois... Acaba-se o curso. Faz-se o que os outros fizeram, e vae-se levar aquela vida de "burguez" Casa-se, tem-se filhos.

Os que terminam tem aquela anciedade soffrega de se verem livres da dependencia humilhante do catedratico e da tutela do "papaesinho"

Anciamos por ser homens, isto é, um sujeito que trabalhe e que exerça uma função social embóra com aquela convicção de que estamos sendo explorados por outros que trabalham menos.

E para ser homem deixa-se de ser rapaz.

E dolorosa saudade...

Cada turma constitue uma familia de espiritos e corações mais ou menos identificados pela convivencia diaria, pelo cultivo dos mesmos estudos e das mesmas brincadeiras, pela comunhão dos mesmos sonhos.

E ao chegarem ao fim da jornada preliminar se despedem, e um a um, vae fazer a jornada da vida pratica, na qual alguns nunca mais, nunca mais se encontram.

E dizem-se adeuses comovidos.

E a recordação da escola cada vez mais apagada, mais saudosa, vae tornando uma forma vaga e indefinida, que se exprime exclamando entre dois suspiros — o bom tempo!

E mais uma turma nos abandona.

Ficamos. Que honrem a escola e a profissão são os nossos votos na hora amarga da despedida.

Adeus colegas.

Grande Circo Espiga

O MAIOR DA AMERICA DO SUL

PROPRIETARIO: ON. CAV. UFF. G. SUPPA SAPIENZA
DIRECTOR: CAV. OLAVO PAZZO — SECRETARIO: RUY AZEVEDI

ESTRE'A — HOJE, 13 DE AGOSTO DE 1933

PROGRAMMA

CLARA and LOMBRIGUINHA

Equilibristas internacionaes
Em estupefacientes trabalhos em arame farpado.

Entradas comicas pelos bufões

Claudino — Ferramenty — Cecilio
nas piadas mais bestas deste mundo.

GANYMEDES ALTENFELDER

Atleta: cantor
com seu assustador repertorio.

Petronio Freitas Valle Carnicelli Torrè
O rei da elegancia

Exhibição de magnificas toilettes femininas

NASCIPPE — O carneiro hidrofobo
Será solto nas galerias

SAYEG — Prestidigitador
Trabalhos orientaes com a Toalha Magica

EGYDIO — A Phoca sabia
Em numeros de arrote

TATURANOFF

Campeão Moscovita de Patinação
em arriscadas evoluções no picadeiro

CHADDAD and YAZBECK

Authenticos camellos arabes
Equilibrios sobre pipas garrafas

HOMINHO and CARLITINHO

Em numeros de força muscular

MARTINELLI — O fakir calabrez

Em numero de catalepsia, hydrophobia
estupidez.

MISS LUCINDA — Trapezista

Em sensacionaes numeros de trapezio
circulante

TROUPE TRO-LO'-LO' - Cães sabios

NICOLAU — TICO — VAMPRE' — PICO
— EUGENIO.

Ultimas entradas pelos Truões

Para encerrar o espetaculo, subirá á scena o drama

"A BELLA ADORMECIDA"

ELENCO:

Paulo, galã	Zé de Gastro	Mauro, primo de Francisco	Credidio
Maria, a heroína	Dilurdina	Joana, filha de Maria	Eanyce
João, pae de Paulo	Minervini	Um soldado	Francisco Pinto Lima
Francisco, cunhado de Maria	Ruy	Procopio, jardineiro	Mossi
Pedro, pae de João e tio de Maria	Zolá	Um verdureiro	Feliciano Burnier
Antonio, amigo de ambos	Rosinha	Companhia propria — Acção: Pirituba	

Ouverture pela orchestra de 120 professores, sob a batuta do Paganini
Brasileiro **Maestro Inacio Alves Corrêa**

Finalmente o conhecido oraçor NAIRO TRENCH declamará o programma de amanhã.

Salta aos olhos que os Anaes, este ano, foram feitos, para serem lidos pelo sr. Interventor Federal, afim de iludi-lo, para que não seja cortado o **full-time**, disposição regulamentar arbitraria, que vem sendo mantida desde a fundação deste prospero viveiro de medalhões.

Explicam-se, por isto, os termos bombasticos, em que estão redigidos os trabalhos, e os titulos berrantes, que os encabeçam.

Taes colaborações, visivelmente, nenhuma utilidade offerecem, na vida pratica um clinico ou a um cirurgiao.

Apenas duas delas, parecem merecer alguma atenção e oferecer algum interesse. Calaremos os nomes de seus conspicuos autores, para que não sejamos acoimados de seres afeitos á bajulação, por espiritos inferiores, que sóem assoalhar calunias aos esforçados membros deste quinzenario.

Os outros trabalhos, porém, sómente ocupam um espaço indevido, atravancando os dois supracitados volumes.

De fáto, de que adianta a alguém, que não ao proprio autor, conhecer pequenissimas e insignificantes irritações, causadas em orgãos ou tecidos, por um parasita qualquer, animal ou vegetal, raramente encontrado?

Chamamos, além disto, a atenção do Governo do Estado, para a propaganda que se faz num dos trabalhos contra o nosso principal produto exportavel, acoimando-o de venenoso, toxico, anti-soporifero, espasmodico, tetanizante hipercronaxico hiporheobasico. Que ignorancia em materia de Economia Politica! Emquanto se gastam rios de dinheiro para provar que o dito produto é benéfico, estomacal, calmante e soporifero, aqui em nosso paiz, faz-se o contrario, numa lamentavel falta de compreensão comercial.

Quanto á parte tipografica, diremos que a obra está ótamente impressa, em superior papel esponjoso. O que a desvaloriza um pouco, é o numero bem grande de folhas em papel couché, especie essa de papel, impropria, para certas photographias.

Logo que recebemos os dois volumes dos anaes, entregamo-los ao nosso linotipista, que o submeteu prontamente á ação fulminante de nossa majestosa guilhotina tipografica. Executado um cóрте, no sentido do maior eixo dos tomos, de lado da lombada, um perfurador automatico, realizou no canto supero-esquerdo das folhas um canal unico e bem calibrado, pelo qual passamos um duplo fio de crina cirurgica. Enucleamos então de todo, as folhas de papel couché. Démos aos fios de crina uma disposição em anel e o empregado pendurou então a parte da obra, expurgada pela nossa imparcial censura, no luxuoso gabinete desta folha.

PFFEIFER & BESREDKA.

O TROTE



Nosso general deixa seu estado maior, em busca de glorias

O REI LEPROSO

Nunca se vira rei mais patusco do que Eduardo, por alcunha o Forte. Não ha pois quem possa esconder a perplexidade ante a sua repentina e incompreensível mudança, verdadeiro salto para os dominios da loucura. Uma grande festa aguardava S. M. com extraordinaria pompa, em que se incluira a marcha triunfal da opera "Aida". A' hora marcada, entra o rei. Mas, imaginem de que modo! Surgiu só, no meio do salão, afastado do sequito, transfigurado, um braço descoberto, clamando com voz alterada: "Sou um leproso! Querem vêr? Olhem para a grande ulcera deste braço. Sou um leproso!" Entretanto, os olhares estupefatos nada notaram no braço em questão. A' pergunta do rei, se havia ulcera, respondiam a medo, com um monossilabo duvida que nem confirmava nem contestava: hum... hum...

Seguiu-se grande desordem no reino. Eduardo, o Forte, cada vez mais idiota, via a ulcera como Hamlet via o espectro. Era uma exclusividade propria. Mas tanto persistiu na obstinação, que acabou deixando-se assassinar. Pobre rei! Não ficarás obscuro, mesmo que não te ergam um tumulo ou uma estatua, porque, enquanto fazes companhia á caveira de Yorik, enquanto os bichos nojentos da terra se fartam na tua carne, daqui, dum cantinho do mundo, um historiador esclarece aos mortaes a genese da ulcera ficticia que te ha de tornar famoso.

* * *

Eduardo, o Forte, num domingo de festa popular, saíra de carruagem acompanhado pelo ministro. Chegando á praça publica, como o ruído fôsse intenso, ordenou ao cocheiro que parasse e observou da portinhola o que se passava. Immediatamente seu semblante demonstrou forte emoção, o que exprimiu com uma exclamação de deslumbramento, ao mesmo tempo que apertava o braço do ministro: "Olha! Que encanto! Mas veja só!"

No meio da praça, o povo se tinha aglomerado em volta de um tablado, onde rodopiava uma dansarina. Era bonita e justificava a exclamação do rei. Dava pequenos saltos, ligeiros como os de uma ave fugidia, rodava no ar descrevendo movimentos graciosos, caía com um pé só, dando leves pancadas na madeira para acompanhar o ritmo da musica; tudo isto aliava-se ao seu sorriso discreto, mas de extraordinario encanto, e ao fascínio dos olhos fulvos.

Eis, no entanto, que ocorre um fáto inesperado. Quando o rei, ardendo em desejos, transportado de amor, ordenava ao ministro que a levasse ao palacio incontinenti para fazer-la sua rainha e tudo mais que fôsse preciso (oh! as exaltações reaes!) — uma cena revoltante se desenrolou diante da carruagem. Não se sabe como, appareceu no tablado um homem grotesco, esfarrapado, giboso, com o rosto deformado e rubicundo, os labios volumosos contraindo-se em horrenda mimica, os cabelos esdruxulos rodean-

do-lhe a fronte como uma aureola negra e fatidica. O monstro tomou a dansarina nos braços e, sem dar importancia aos gritos da multidão, desapareceu debaixo do tablado.

— Miseravel! rugiu Eduardo, que tinha visto tudo. Vamos, senhor ministro de uma figa, trata de encontra-la. Ou então mandarei açoitar-te, estrangular-te!

Num instante a ordem de Eduardo, o Forte, foi obedecida e realizada com exito sem par. A' noite o rei tinha na alcova a doce figura que o incendiára com rapidez assustadora...

* * *

Pela manhã, Eduardo dizia á dansarina: "Has de ser rainha. Nascestes para isso", quando o ministro bateu á porta. Que havia? Entrou esbafo-rado: "Senhor, o monstro de hontem... Um maniaco... E é tambem um leproso em estado adiantado". O rei ergueu-se, empalidecendo:

— Como? Prenderam-no? E que fez ele a esta pobre creatura?

Voltou-se para a dansarina. Ela sorriu; o seu sorriso tinha de tudo, e nada se podia apurar daquele pandemonio. Disse, baixo:

— Como resistir, senhor rei? Não pude...

Eduardo, o Forte, mais fraco do que nunca, só disse estas palavras: "ah! ah!" e mergulhou nas trevas. Desde então, viu a ulcera. Mas só ele, repito, notava a grande doença. Direi grande? Sim, porque era leproso da alma e não do corpo.

* * *

Eis aí, Eduardo, o que pude fazer para evitar tua obscuridade.

Cecilio J. Carneiro.

GUARATINGUETA'



O Tito ao deixar as aguas turvas do Parahyba



Aspecto da archibancada no jogo de futebol que a Escola disputou em Guará

GALERIA DE GRANDES HOMENS

(Pitocadas)

FUMAÇAS DE MARTE

Freud fez hontem psycanalyse do Alemão ficou besta com a visage: vislumbrou as épocas passadas e registou acontecimentos de repercussão mundial.

Viu que o Pupo era em idos tempos a calça rendada de Maria Antonieta.

O Farid um porco chifrudo.

O Macedo o olho cego de Camões.

O Bocca o pinico de Lenine.

O Gordo foi o beijo do burro de Sancho Pança.

O Butelli sempre foi o que é.

Pedroso, o sympathico galhudo.

* * *

...e Freud desmaiou.

* * *

Vamos tomar uma birra "hespanhol"

Pitôco.

Annunciar n' "O BISTURI" é ter o seu annuncio no meio estudiantino e medico de todo São Paulo.

NOTAS SCIENTIFICAS

Simente agora pudemos conhecer, graças á bondade de seus descobridores, as propriedades chemicas da "Badalina" recém-descoberta.

Conforme soubemos de fonte limpa, a "Badalina" tem ação pouco eficaz sobre as "Fócas", tornando-as no entretanto mais alegres e espirituosas.

A ação da "Badalina", foi facilmente explicada. Sendo ela muito ávida de carbono, transforma com muita facilidade o "ferro" em "aço". A sua densidade é bastante elevada, não permitindo que o seu possuidor "boie".

Prossequindo nos seus humanitarios estudos, os descobridores da "Badalina" conseguiram isolar uma outra toxina. Trata-se "nada mais, nada menos" que da "Primaverina" ou "chaitina" tambem chamada.

Esta toxina é muito mais perigosa que a "Badalina" devido á excitação que produz nos centros "centro da estupidez". Graças a Deus só se conhece um unico caso... (Avisamos aos leitores que é preciso evitar mordidas...).

Devido á proximidade dos exames nada mais pudemos saber a respeito. Quem sabe para o proximo numero...
Pé de Madura.

A MORTE DA STRONJA

PRELUDIO

Eras verde e alegre. Tinhas alma de recém-nascida. E a mão enlameada do Destino nunca tocou na tua pureza. As tuas intenções eram alvas como as vestes brancas dos serafins, e não foi o teu oleo que sujou a escada do Faria, mas sim a escada que foi suja pelo teu oleo. Jamais caíste na realidade porque a tua candura te elevava acima da materia. E os que viram maldade em ti, não compreenderam na sua perversidade, a possibilidade de tão grande perfeição.

Escada de Jacob, serão teus raios,
Por onde asinha subirá sua alma.

(F. V.)

Hugo.

U. P. urgente. — Para os que ficaram inconsolaveis. A ultima hora recebi uma telefonada do mecanico, dizendo que, qual' noya fenix, a Stronja

PI...PI...AAA...DAS

Na arguição de anatomia o Max mostrando um craneo ao Cajado, do primeiro ano, pergunta-lhe:

— Bó...bó... diga-me agora, porque será que estes ossos são assim de côr amarela?... bó...bó...

O Cajado olhou, olhou... olhou mais uma vez e:

— E' porque são ossos de japo-nez.

* * *

Esta aconteceu com o Cretelli Taliberti.

Na arguição o dr. Pessoa faz a primeira pergunta:

— Que relação ha entre o Himenolepis nana e o Himenolepis diminuta? Responda sêco.

— Um é o pai, outro é o filho.

EPITAPHIOS

Si morrer o Camasmie,
Kodak em punho, esse dia,
Dos proprios vermes na cóva
Vai tirar photographia.

Já quasi morto o Lyrinho
Vendo do padre a sotaina.
Perguna todo assustado:
"Onde está minha polaina?"
Mag. Netto

ABANDONO DE CUPIDO

...e o Claudino falou:

— Parte, Cupido, não preciso agora
Dos teus serviços nem do teu conselho;
Parte depressa! Alguém do teu belelho
Talvez precise pelo mundo afóra!

Cupido retrucou:

— Não sou mais hoje meigo deus Cupido
Dos bons tempos do teu quasi noivado,
Por isto parto para o azul, banido,
Como um mendigo sobre o seu cajado.

Resta-me apenas um consolo, o fado
Que hoje me leva para o triste olvido;
Já me sorriu quando eu deixei cahido
Teu volumoso beijo enamorado!

MAG. NETTO



2 saltos de trampolim. O quadro de Guará. E um lance dos nossos, no tenniss, em que fomos vencedores

PÁGINA LITERÁRIA

DUM VELHO E DUM NOVO AMOR...

Por Gil Spilborghs

MAIO

Tudo tão distante... Tudo tão lá longe...

Quando ella passava distraída e me olhava, como eu achava diferente a minha vida.

A minha vida de menino levado.

Ella passava todas as tardes na minha rua, pela mão da aia, toda de branco, a caminho da igreja.

Meus olhos acompanhavam-na até a esquina onde sua imagem se despetalava como uma flor...

Depois do jogo de bola, suado, eu ficava quando todos se iam. Ficava para a ver passar.

Já era nesse tempo um menino sentimental. E já sonhava sonhos que nunca mais esqueci de sonhar como algumas pessoas grandes e os poetas.

O meu primeiro amor.

Depois vieram outras tardes sonoras, de sinos badalando e outros meses de Maio. Ella, porem, nunca mais appareceu de novo na minha rua e diante dos meus olhos tristes de menino sentimental.

Maio, está de novo ahí. Os sinos bimbam alegremente. As rezas com filhas de Maria desfilarão. E a sua lembrança também. Só a sua lembrança. Ella nunca mais veio pôr na minha rua um encanto novo para os meus olhos e diferença na minha vida.

Já vai tudo tão distante, tão lá longe. Aquella menina, aquelle amor...

Para onde a teria levado o destino? Qual será a sua vida?

A sua recordação faz tanto bem á minha alma...

Aquelle tempinho bom em que eu a esperava ansioso.

Uma tarde seus labios me sorriram significativamente e seus olhos plantaram dentro de mim qualquer coisa extranha que só mais tarde, muitos annos depois, pude comprehender.

E foi só. Maio terminou. E na minha felicidade, nem tive a curiosidade de saber alguma coisa della.

Tudo tão distante. Tudo tão lá longe...

Maio é uma bocca que fala do passado.

* * *

TERNURA

Encosto levemente a testa na vidraça. Lá fóra está chovendo... Ha cordões de agua descidos do céu para a terra. Passa depressa um casalzinho, juntinho, terno.

Não saio esta noite. Fico no meu quarto entre as minhas cousas intimas... Que falam do passado. Que falam da minha vida.

Estou com você também. De ha muito que você faz parte das minhas cousas intimas...

Você está alli, naquelle risco de unha que marcou uma página do meu livro predilecto. Vive naquelle presente que as suas mãos colocaram carinhosamente no meu bolso. Está alli, naquelle nome escripto numa tarde qualquer, dum dia qualquer, num papelinho sem importancia. E naquelle beijo que rou-

PIERROT E ARLEQUIN

DIALOGO

PIERROT: — Nos bastidores os palhaços repetem o que vão dizer no picadeiro; assim, também tudo na vida tem seu bastidor e seu picadeiro.

ARLEQUIN: — Como nós estamos falando pelo "Bisturi" vaes referir a tua comparação á escola, não é?

PIERROT: — Quasi acertou. Refiro-me á inversão que existe na medicina em São Paulo. Um bastidor é mesquinho em relação ao picadeiro. E se compare a fachada do Araçá, com os corredores da Santa Casa.

ARLEQUIN: — Foi o que se deu: vestiram a roupa pelo avesso.

HUGO

bei dos seus labios, como uma gotta de perfume da corolla duma flor.

A chuva põe rumor lá-fóra...

E trás você na minha intimidade. E faz com que eu pense tanta coisa boa. Tanta coisa irrealizavel.

Chuva que me traz você. Que vem do céu e para elle ha de voltar... Chuva que afugentou da minha rua todos os parsinhos amorosos. Chuva das horas interiores, que faz a gente conhecer a intimidade suave dos que tiveram um lar.

Chuva dos serões e das historias ingenuas á volta da cadeira da avozinha.

Si a avozinha ainda vivesse e viesse conhecer você, como ficaria contente. E contaria a você a historia feliz do seu tempo de namorada.

Chuva que põe rumor de tempestade lá fóra.

E aqui dentro uma saudade grande do passado.

Taça Fatidica

Brilha naquelle vidro de crystal,
Fino, fragil, parado, emmudecido,
Como dentro da calma florestal,
Faiscante olhar de tigre enraivescido!

Liquido capitoso e bachanal!
Teu sabôr — um passado adormecido,
Ao rythmo duma valsa nupcial!
Tua côr — revive um sonho esparecido...

E's delicioso, doce, tentador!
Evocas na embriaguez dessa doçura,
O esqueleto enfadonho dum amôr...

Nectar tyrano, taça de amargura!
Fugirei á attracção de teu sabôr,
Não sorverei fêl dessa tortura!

Hermes Cassiano.

Annunciar n' "O BISTURI" é ter o seu annuncio no meio estudantino e medico de todo São Paulo.

MOEDA PAULISTA

GUILHERME DE ALMEIDA

Moeda paulista, feita só de alianças,
Feita do anél com que Nosso Senhor
Uniu na terra duas esperanças,
Feita de tudo o que restou do amor!

Quanto vale essa moeda? — Vale tudo!
Seu ouro eternisava um grande ideal!
E ella traduz o sacrificio mudo
Daquella eternidade de metal.

Ella, que vem das mãos dos que se amaram,
Vale esse instante, que não tinha fim,
Em que dois sonhos juntos se ajoelharam
Quando a Felicidade disse: "Sim"

Vale o que vale a união de duas vidas
Que riram e choraram a uma voz,
E, simbolicamente desunidas,
Vão rolar desgraçadamente sós.

Vale a grande renuncia derradeira
Das mãos que acariciaram, maternas,
O menino que vae para a trincheira
E que talvez... talvez não volte mais...

Vale mais do que vale o ouro massiço:
Vale gloria de amar, sorrir, chorar,
Lutar, vencer, morrer... Vale tudo isso
Que moeda alguma poderá comprar!



O nosso time de bola ao cesto que quasi... ganhou em Guara

Berto Moser

SÃO PAULO

RUA BENJAMIN CONSTANT, 7-A (sobreloja) -- Phone 2-1121

O mais antigo fornecedor da Faculdade e dos Snrs. Estudantes.
Artigos para laboratorios.

Preços convenientes — Serviço rapido
Absoluta competencia no ramo.

Minha vida

A minha vida é um livro de folhas em branco. Todo o dia mesma coisa. Nada diferente.

Mas você chegou. Só para mudar o rumo da historia da minha vida. Talvez para peor.

E logo escreveu um sonho. Quanta ventura encontrei naquella simples palavra que achei na ultima folha em branco do meu livro.

Quando, porém, você de novo se dispunha a escrever novas palavras magicas no livro banal da minha vida. Eu o fechei. Para guardar o thesouro que havia ganho. Com medo que as outras palavras que por ventura você escrevesse, como fada má, viessem desmanchar todo o encanto daquelle sonho.

Você zangou-se. Foi-se embora.

A vida continuou. Outras folhas em branco augmentaram o meu livro.

E agora quando procuro a pagina do meu sonho, como custo a encontrá-la.

Mas você ficou para sempre no meu sonho.

G.

FIM

Gil Spilborghs

E ella me disse:

"deves me esquecer
Deixa que eu viva em sonho,
Dentro do teu amor e da tua saudade,
para nunca deixar de ser felicidade".

E eu continuei a ser na vida um solitario, levando deante dos meus olhos, o breviario da existencia infeliz da minha mocidade, e esta grande saudade, companheira do meu destino vario.

MORAL, REALIDADE E VIDA

Um acrobata escorregou na corda bamba e esborrachou o nariz no chão. E' sempre duro cahir na realidade, porque a nossa condição sobre a terra é infeliz. Mas si o nariz dóe á bessa, a verdade é tudo na vida.

Esto vir.

DO LUXO

Uma dama alta, com os hombros munidos de uma pele de varios contos, entra numa exposição de pintura com ar altivo e desdenhoso, porque não tem tempo a perder, recita a formula:

"Horriavel, aborrecido, sem graça", toma a limosine e vae bocejando para casa.

Isto é luxo.

* * *

Para um navio de emigrantes no porto. Depois dos mil homens que vieram em busca do ouro, desce um maltrapilho com as mãos nos bolsos da calça olha demoradamente em redor; estende as vistas pelo horizonte; todo o mundo já se retirou e ele está sózinho no caes imundo. Não tem pressa. Repara nas minucias da terra desnhedida que ele acabou de abrir. Espreguiça-se. Tem uma idéa que o faz sorrir: abotôa o paletó e entra na cidade numa corrida debalada.

E' o aventureiro. Quer vêr muito. Experimentar tudo.

Chamaremos isto luxo?
Muito mais propriamente.

HUGO